



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FRANCIELLE DA COSTA BENTO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Francielle da Costa Bento

Entrevistador: Igor Chagas Monteiro

Local da entrevista: Juiz de Fora (por skype)

Data da entrevista: 20/03/2014

Processamento da Entrevista: Igor Chagas Monteiro

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 18 páginas

Número da entrevista: E-749

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2016

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Sumário

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Paulista de Futebol; confederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 20 de março de 2014. Entrevista com Francielle da Costa Bento a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Ao longo da vida, antes de sua atuação como árbitra, você teve contato com alguma prática esportiva?

F.B. - Sim. Na minha adolescência para adulta eu comecei a praticar o futebol aqui na cidade de Uberaba. Na escola foi introduzido e eu comecei a praticar o futebol, futebol de salão e futebol de campo.

I.M. - Como foi esta experiência para você?

F.B. - Olha, eu sempre gostei muito de esportes, não é? Então a experiência para mim foi muito boa, eu sempre gostei de tudo que fosse ligado ao esporte. E eu fui para o lado de futebol porque eu acho que foi o esporte mais fácil, prático, não é? Para que desenvolvesse, mas eu sempre gostei de tudo que era ligado.

I.M. - O que te levou a arbitragem no futebol?

F.B. - Eu trabalhava na Prefeitura Municipal de Uberaba, trabalhava na Secretaria de Esportes e eu ficava como monitora em um centro esportivo aqui na cidade. E lá havia dois campos de futebol, e havia um torneio lá, tipo varzeano e em um certo dia faltou o árbitro, eu estava lá e eles chamaram, se eu poderia apitar o jogo, porque eles sabiam que eu jogava, eu aceitei e comecei a apitar. Dali eu fui para a liga fazer curso.

I.M. - Quando você começou a arbitrar?

F.B. - Eu comecei a apitar em 2005.

I.M. - Onde iniciou a sua atuação na arbitragem?

F.B. - Eu iniciei na Liga Uberabense de Futebol.

I.M. - Como foi o processo de envolvimento com a arbitragem, você foi gostando?

F.B. - Então, eu fiz primeiramente o curso pela liga, não é? E na liga mesmo eu tive um aproveitamento muito bom no curso e no meu primeiro ano dentro da liga eu também cresci muito, logo já apitava as partidas principais da entidade. E depois disso aí eu me filiei à Federação, fiz um curso pela Federação e comecei a trabalhar fazendo reserva, de 4ª árbitra aqui, que geralmente a Federação utiliza árbitros locais, não é? Eu comecei fazendo reservas e daí eles me viram, interessaram, viram que eu tinha uma certa facilidade dentro da arbitragem e aí o falecido Lincoln Bicalho¹, me convidou para que eu fosse para Belo Horizonte. Eu aceitei o convite dele e dali fui para Belo Horizonte, onde tudo começou.

I.M. - Como foi o processo de formação para a atuação na arbitragem, que curso você fez?

F.B. - Olha, eu comecei primeiramente no curso da liga, depois fiz o curso pela Federação. Depois com o curso na Federação eu já comecei trabalhando em campeonatos amadores dentro da Federação. Nesses campeonatos eu comecei me desenvolvendo, fui tendo oportunidades nas categorias de base e logo o pessoal já na Federação, em média com 6 meses de Federação, a Federação me indicou para o quadro da CBF feminino. Então dentro também do quadro da CBF feminino eu realizei outros cursos dentro da CBF. Então minha formação foi muito rápida, mas foi tudo mesmo dentro das entidades que eu fui participando, fazendo parte.

I.M. - E o curso que você fez na Federação Mineira, qual foi a duração dele?

F.B. - Olha, na época o curso da Federação Mineira era oferecido nas ligas, não é? Então em média, o curso teve em torno de umas 80 horas.

I.M. - Quando você iniciou Francielle, como era visto a situação da mulher na arbitragem no futebol?

F.B. - Olha, não era muito comum, não é? Mas bem quando eu iniciei, estavam no auge alguns nomes, como a Ana Paula², a Sílvia Regina³, que já vinham fazendo a história anteriormente. Que já trabalhavam em jogos profissionais, estavam sendo inseridas bastante nesse meio. Então apesar de não ser muito comum, as pessoas foram aprendendo a pelo menos dar oportunidade de ver o trabalho das meninas. E, particularmente, eu nunca tive problema nessa parte de preconceito não, porque eu nunca nem parei para reparar esse tipo de atitude. Dentro do campo, eu acho que foi, dentro do possível foi normal, não é? Então assim, eu não achei que foi tanta dificuldade eu estar trabalhando em um meio assim tão diferente na época.

I.M. - O que descreveria como fatores motivacionais para a sua inserção na arbitragem?

F.B. - Eu acho que primeiramente a oportunidade, não é? Você estar em um local onde você trabalha que você esteja lutando por um espaço e isso ser reconhecido em um espaço, por seu mérito, sua competência... Que você for adquirindo, ninguém por preconceito ou algum outro motivo te barrar por isso, eu acho que essa é a maior motivação de qualquer árbitro, não só mesmo as mulheres, não é? Porque nós não buscamos nenhum privilégio, nós buscamos só a oportunidade. Então quando eles permitem igualmente, nós lutamos por essa oportunidade, isso já motiva muito. Motiva muito o nosso crescimento.

I.M. - Enfrentou dificuldades quando você iniciou sua atuação?

F.B. - Olha, foi muito mais assim dificuldades pessoais. Porque eu me mudei da minha cidade aqui para Belo Horizonte não conhecia ninguém, então tive que me adaptar a uma cidade diferente, não é? Capital ainda, muito grande, muitas pessoas. Tive que me adaptar ainda com o modo da Federação, porque eu vim de liga, mas assim nada que eu falasse que foi um obstáculo muito grande. Acho que tudo foi para o meu crescimento e valeu muito. Então não acredito assim muito nas dificuldades não.

¹ Lincon Afonso Bicalho.

² Ana Paula Oliveira.

I.M. - Você atua como árbitra ou assistente no futebol profissional?

F.B. - Eu atuo como árbitra.

I.M. - Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF⁴, ASP-FIFA, FIFA⁵ ou Federação Estadual)?

F.B. - A maior categoria que eu atingi foi árbitra FIFA. E atualmente eu me encontro como árbitra da Federação Mineira.

I.M. - Qual foi o período em que você arbitrou?

F.B. - Pela FIFA?

I.M. - Pode falar no geral, depois você comenta pela FIFA.

F.B. - Olha, de 2005 até nós estamos em 2015, não é? Está dando quase 11 anos no geral. E pela FIFA, eu fiquei árbitra FIFA por dois anos.

I.M. - Qual foi o período em que você foi FIFA?

F.B. - Eu fui FIFA de 2011 a 2012.

I.M. - O que te fez permanecer como árbitra de futebol?

F.B. - Eu acho que o gosto mesmo que eu criei pela profissão. Eu acho que o desafio, eu acho que quando você faz alguma coisa que você goste, que você ama, e a arbitragem foi uma coisa que eu aprendi a amar. Porque eu não sabia que eu era árbitra. De repente eu me descobri árbitra. Então desde o primeiro momento eu me apaixonei por aquilo que eu

³ Sílvia Regina de Oliveira.

⁴ Confederação Brasileira de Futebol.

⁵ Federação Internacional de Futebol.

estava fazendo e isso me fez ir buscar um sonho que era novo até então. E eu acho que isso foi o que mais fez essa minha permanência até hoje na arbitragem.

I.M. - Quais as principais dificuldades que você enfrentou na arbitragem depois que você se inseriu?

F.B. - Lesões. Depois de você se inserir, de você passar de um patamar de árbitro amador para um patamar profissional, que você sai de ser uma árbitra de liga para ser uma árbitra internacional o fator crucial para tudo assim é a lesão. Porque tudo muda, seu ritmo muda, a sua vida muda, o que você fazia antes por prazer, o que você fazia antes nos finais de semana, no seu tempo vago, passa a te cobrar mais. Quando você é árbitra da Federação ou árbitra da liga você é arbitra de quando pega a sua escala até acabar o jogo. Quando você vira árbitra internacional, uma árbitra FIFA ou até mesmo CBF, você é árbitra 24 horas do seu dia. Você levanta pensando no seu treino, você deita pensando no seu treino, pensando em testes, pensando nos cursos, pensando em tudo voltado para a arbitragem. Sua alimentação, seu sono, seus passeios, tudo é voltado para a arbitragem. E nisso é um desgaste muito grande, tanto mental como físico. Eu acho que as maiores barreiras de se permanecer nesse patamar FIFA, seria mesmo a parte física e psicológica. Que é muito difícil, você tem que ter muita estrutura e um apoio muito grande das entidades.

I.M. - Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

F.B. - Olha, eu não tive muita participação da minha família não. Tudo o que eu fiz dentro da arbitragem eu fiz por mim mesma, nunca contei com nenhum tipo de apoio deles não. É lógico que sempre ficam felizes quando me viam, quando me vêem em jogos, quando as pessoas comentam com eles, quando reconhecem eles, como eu sendo da família, tudo mundo fica orgulhoso. Mas ajuda diretamente assim, eu nunca tive, não é? Então eu acho que foi também um dos pilares assim que dificulta muito quando você precisa ter um emocional forte. Não tive muito a ajuda da minha família não, mas para os árbitros que conseguem ter é primordial. Porque é muita pressão, é muita cobrança dentro da arbitragem.

I.M. - Em quais campeonatos atuou na arbitragem no futebol profissional?

F.B. - Olha, no futebol profissional eu atuei no Campeonato Mineiro, 1ª, 2ª e 3ª divisão. Atuei também nos campeonatos da CBF, não é? Copa do Brasil feminino, que é considerado profissional. E como FIFA eu não cheguei a atuar em campeonatos internacionais, porque nos 2 anos que eu fiquei como FIFA, não estava tendo muito auge o futebol feminino, então nós ficávamos muito mais atuando dentro dos nossos países, não é? Hoje que cresceu mais. Mas os principais mesmo foram os mineiros.

I.M. - Você chegou a fazer algum amistoso internacional de futebol feminino pela FIFA?

F.B. - Olha, de futebol feminino o amistoso que cheguei a fazer pela FIFA foi um amistoso dentro de Belo Horizonte mesmo, onde quem jogou foi o time do Atlético contra o time da Austrália. Esse foi o único amistoso internacional que eu cheguei a fazer.

I.M. - Foi futebol feminino?

F.B. - Foi futebol feminino.

I.M. - Por quais federações e ligas arbitrou?

F.B. - Eu atuei pela Liga Uberabense de Futebol, pela Federação Mineira de Futebol, atuei pela CBF, Confederação Brasileira de Futebol, pela CONMEBOL⁶ e a FIFA.

I.M. - Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

F.B. - Olha, primeiramente, eu acho que esse é um dos nomes assim mais relevantes para a minha carreira mesmo, foi o Lincoln Afonso Bicalho, que era o diretor de árbitros da Federação Mineira, que foi o que me deu a primeira oportunidade, que acreditou e viu em mim um potencial. Depois disso, eu tive muito apoio da Janette Mara Arcanjo, que quando eu cheguei na Federação ela já atuava pelo profissional, e ela me deu um apoio muito

grande, para me mostrar o caminho, o que eu deveria fazer, treinar, essas coisas assim para que eu alcançasse os meus objetivos. Na CBF, o próprio Sérgio Corrêa, o Manuel Serapião Filho e o Dionísio⁷, que foram as pessoas assim dentro da CBF que me deram muita oportunidade e até hoje eu sei que eles tem um carinho muito grande por mim e que me colocaram dentro da FIFA, e que hoje de certa maneira estão só aguardando meu retorno, não é? para que eu possa ter de novo a oportunidade.

I.M. - Quais os principais fatos que contribuíram para a consolidação da sua carreira? Por quê?

F.B: Eu acho que primeiro foi a minha força de vontade, a minha determinação para aquilo, eu acho que foi também um pouco o dom, vamos dizer assim o dom da arbitragem, porque ninguém se torna árbitro, o árbitro mesmo ele nasce árbitro. E eu acho que foi mesmo isso, minha força de vontade, o dom, a perseverança ali, acho que são os pilares principais.

I.M. - Você teve algum (a) árbitro (a) como referência para sua atuação?

F.B. - Olha, na verdade eu tive vários. Desde quando eu atuei pela liga eu tive vários árbitros de referência. Aqui na liga eu tive o Douglas⁸, o Ivan⁹, o Genimar¹⁰ foram árbitros de muita referência. Agora na Federação, o Igor Benevenuto, que é uma pessoa que eu me espelhava muito no tipo de arbitragem, o próprio Ricardo Marques Ribeiro, a postura e a força da Janette. Assim, são vários nomes, mas nenhum em especial. Todos de uma certa maneira eu pegava alguma coisa que me agradava para que eu pudesse ir fazendo a minha formação como árbitra.

I.M. - Esses nomes que você falou, porque eles eram referência para a sua atuação?

⁶ ConFederação Sul-Americana de Futebol.

⁷ Dionísio Domingos.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

F.B. - A Janette por ser mais próxima e por ser mulher e ter alcançado o patamar que ela alcançou, não é? O Igor, porque eu sempre me identifiquei com a maneira de arbitragem dele, conheço a pessoa dele, me identificava muito. O Ricardo Marques, porque quando eu também entrei ele estava se tornando árbitro FIFA. Então eu procurei muito ver os pilares que levaram ele a isso e são referências, não é? Não pode esquecer que essas são as verdadeiras referências que um árbitro tem que buscar, os que estão mais próximos para isso.

I.M. - Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

F.B. - Ah, isso foi muito difícil. Não foi fácil como eu te disse, depois que você alcança um patamar, a sua vida pessoal, praticamente ela vira outra. Tudo o que você faz é voltado para a arbitragem. Então até aquelas coisas assim de sair, de passear, viajar, essas coisas todas você começa a regradar porque você tem que acordar cedo no outro dia para treinar, ou você tem jogos, então final de semana você passa viajando. Se você quiser sair, passar uma noite toda acordado, isso você já vai pensar no seu treino, ou no seu jogo, ou no seu teste, então a sua vida pessoal ela praticamente fica bem restrita, entendeu? Então você vive 24 horas a arbitragem, isso quando você quer realmente alcançar outros patamares.

I.M. - Qual (is) episódio (s) marcou (aram) a sua carreira na arbitragem até o momento?

F.B. - Quais episódios? Eu acho que o episódio que mais marcou a minha carreira na arbitragem até hoje, assim que vem na cabeça de primeiro, foi o fato triste que aconteceu no mineiro este ano, onde eu estava atuando como 4ª árbitra com o Roney¹¹, e que um dos jogadores o acusou de ter chamado ele de “macaco”. Eu acho que esse foi o episódio mais marcante até hoje na minha carreira. Marcante e triste. Porque o Roney, eu conheço ele pessoalmente assim, como um colega meu muito próximo e sempre pus a mão no fogo por ele. Eu tenho certeza, como eu tive certeza e tenho certeza até hoje que aquilo lá não aconteceu. Então eu acho que foi um fato mais marcante da minha carreira e o mais triste. Agora não me vem outro assim que possa estar lembrando.

I.M. - Teve algum jogo que marcou a sua carreira, alguma partida que você fez que foi muito importante para você?

F.B. - Olha, para te falar a verdade Igor, todas as minhas partidas para mim foram importantes. Eu sempre fui assim, subindo, galgando partida por partida, todos os jogos para mim eram importantes porque eu nunca deixei que uma partida pudesse ferir o meu nome espaço até hoje na arbitragem. Mas, assim partidas importantes, fiz reserva de Atlético e Cruzeiro, fiz semifinal de sub 20 entre Internacional e Grêmio, fiz semifinais de campeonatos femininos, pela Copa do Brasil. Então tipo assim são vários jogos, todos os jogos para mim tiveram o seu grau de dificuldade e o seu grau de importância. Então especificamente eu não tenho um assim para mim te falar que foi o mais marcante. Porque para mim em todos os jogos eu tento manter sempre o mesmo nível de arbitragem e a mesma emoção.

I.M. - Francielle, como é o dia do jogo para o árbitro?

F.B. - Olha, o dia do jogo para o árbitro é um dia diferente. Não é um dia comum, por mais que nós tentemos manter uma naturalidade, não é um dia comum. É um dia onde você já acorda pensando no jogo, você já mentaliza tudo o que pode acontecer, tudo o que vai acontecer, tudo que você quer que aconteça, o que você não quer que aconteça durante a partida, entendeu? Então é um dia totalmente diferente, não é um dia comum. É um dia onde você fica mais tenso, você fica mais preocupado, você fica se sentindo com muita vontade de aquilo tudo passar e que tudo se resolva, que nada aconteça de errado na partida. Porque nenhum árbitro quer errar, todos nós queremos acertar, mesmo no ímpeto de tanto querer acertar é onde acontece de errar. Então assim, é um dia de auto-controle. O dia do jogo do árbitro é um dia de auto-controle. A partida já começa quando você desperta.

I.M. - O que a arbitragem trouxe de positivo para a sua vida?

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

F.B. - A arbitragem me transformou. Eu até acredito assim, eu brinco, falo que a arbitragem me evoluiu como pessoa. Pensamentos, atitudes, não é? Critérios que às vezes o árbitro usa dentro do campo, fora dele você também utiliza. Você aprende a pensar, você aprende a observar mais, a ver os dois lados, a distinguir que assim não é sempre que acontece o mais justo. E assim, nesses quase 11 anos de arbitragem, eu te falo que eu me transformei. Quando eu iniciei na arbitragem eu era uma Francielle, lógico também mais nova, não é? Menos madura e hoje eu sou uma Francielle totalmente diferente, transformada. E essa transformação eu devo 80% dela à arbitragem. Tudo que eu vivi dentro dela, que foram experiências, algumas positivas outras nem tanto, mas que serviu para a formação da pessoa que eu sou, do meu caráter. Então eu acho que a arbitragem tem um grande peso nisso.

I.M. - O que significa para você ser árbitra de futebol profissional no Brasil?

F.B. - Olha, para mim significa muito. Muitas das vezes as pessoas não têm consciência, do peso que é você ter uma responsabilidade como essa, sabe? Para mim, não na questão como que eu posso te dizer, de orgulho da minha parte, mas uma questão assim de respeito, de hierarquia, uma questão assim, eu me sinto, sabe? Como se fosse assim selecionada, não é? Ser árbitro profissional e no estágio que eu sou, por ser mulher, é uma coisa muito grandiosa. Para mim, eu não tenho palavras para dizer, eu me sinto bem com isso. Foram coisas que eu conquistei, não é? Foi o posicionamento que conquistei durante esses anos todos e eu dou muito valor a isso porque foi debaixo de muito suor, de muitas lágrimas, de muitas lesões, de muitas dores. Então para mim, hoje ser reconhecida e ser respeitada por esse trabalho que eu faço na arbitragem para mim não tem preço. Eu sou muito feliz por isso, graças a Deus tenho um orgulho muito grande de ser a árbitra que sou.

I.M. - Você diria que atingiu seus objetivos na arbitragem do futebol?

F.B. - Não, não. Eu ainda não atingi porque se tivesse parado, como eu estava parada nos últimos 2 anos e retornei esse ano, a convite da Federação, eu falaria para você que eu estava realizada. Até então eu estava, até ao final do ano passado eu estava totalmente realizada, não tinha problema nenhum porque eu alcancei o patamar maior da arbitragem,

que foi ser árbitra FIFA. Mas hoje como eu voltei, eu falo para você que eu não estou mais realizada porque eu voltei à Federação, quero continuar fazendo um papel dentro da Federação, junto com a comissão, junto com o quadro feminino. Quero voltar a ser CBF, se Deus quiser no ano que vem eu já sou homologada novamente CBF. E sendo CBF, e sabendo a oportunidade, sabendo o que eu posso, porque antes você sonha, mas você não sabe do seu poder. Hoje, sabendo o que eu posso, eu quero voltar a ser FIFA. Então a minha realização vai ser voltar a ser FIFA. E hoje como o futebol feminino está muito mais em evidência, está crescendo muito, ano que vem teremos várias competições, vários clubes grandes do Brasil vão estar com times femininos, então eu quero atuar muito ainda. Eu quero conquistar outros vãos, outras conquistas, quero voltar a ser FIFA. Então eu tive uma primeira parte na minha vida de realização dentro da arbitragem e hoje eu estou caminhando para a segunda parte dela, não é? Então eu estou buscando novamente minhas realizações.

I.M. - Como você percebe o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

F.B. - Olha, eu percebo que existem muitos profissional de boa fé, que independente de ser mulher ou ser homem que está dentro do campo, ele consegue ter um olhar profissional de distinguir realmente a capacidade, o valor daquele profissional ali dentro do campo. Lógico que existem alguns profissionais, alguns torcedores, alguns jogadores, que não tem esse fino trato, que às vezes por ignorância ou até mesmo por preconceito não aceitam. Não aceitar quando a árbitra ou a assistente acerta. Tudo vai ser motivo para eles ficarem sempre com a desconfiança. Mas isso não é empecilho para nós árbitras, nós mulheres, para nós conquistarmos nosso espaço. Porque cada vez mais nós estamos calando este tipo de pessoa, porque eles estão tendo que realmente aceitar que nós também somos capazes e que muitas das vezes nós temos uma afinidade, um trato diferente com o esporte. Os meninos eles ganha sim na força, às vezes em uma rapidez de um lance, mas nós não ficamos para trás. O que nós temos que não é tão perfeito como o dos meninos que seria a força e a velocidade, mas nós não ficamos atrás, porque nós estamos logo atrás deles. Isso não é empecilho e não nos impede hoje de estar competindo com eles de igual para igual. Porque na decisão do lance, na interpretação, nisso aí nós nos igualamos, no conhecimento

nós nos igualamos. Na parte física, a mulher dentro da sua possibilidade física ela se iguala ao homem. Eu mesma posso falar para você que eu nunca deixei de chegar próximo de um lance de contra-ataque de homens, de jogos masculinos. Nunca deixei de terminar um jogo bem e algum jogador ou dirigente falar que por eu ser mulher eu não consegui acompanhar o lance. Então dentro das quatro linhas ali a mulher não perde para o homem, entendeu? Então hoje os comentaristas, os profissionais dessa área do esporte, jogadores eles estão reconhecendo que nós, perfeitamente como qualquer árbitro masculino, nós conseguimos perfeitamente levar uma partida.

I.M. - Como você percebe o tratamento da mídia em relação à árbitra de futebol?

F.B. - Olha, a mídia ela trabalha em cima de audiência, não é? Ela trabalha em cima de polêmica, então o que vai dar audiência é a polêmica, é o lance diferente, o duvidoso, isso acontece tanto com as árbitras como com os árbitros. Eu que teria um peso, que eles usariam talvez um adjetivo a mais se fosse uma árbitra e colocaria lá, poderia citar algum fato por ser mulher ou alguma coisa que eles buscariam. Mas hoje eles também estão com um cuidado com isso, porque isso hoje não é mais relevância para eles julgarem alguma ação, algum lance nosso dentro do campo, não é? Então eu não vejo assim muito problema tratando disso não. Muito pelo contrário, eu graças a Deus, particularmente, sempre tive um nível muito maior de acertos do que de erros, então eu sempre tive um bom relacionamento com a mídia. A mídia, na verdade, sempre me ajudou. A mídia que sempre estava ali, e me apoiava e fazia algum tipo de comentário, de premiações, essas coisas que iam incentivando a cada vez mais me olharem. Então, assim, eu não tenho nada para reclamar da mídia. Eu acho que se a árbitra, como o árbitro, tiver uma postura dentro e fora do campo, ele se preparar, a mídia não vai ser inimiga dele, muito pelo contrário, vai ajudá-lo muito. Porque quanto mais aparece mais ele vai ser lembrado.

I.M. - Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

F.B. - Olha, erro é erro, não é? Tanto se for de homem ou de mulheres eu não vejo tanta diferença não. Até porque quando eles relatam o erro de uma árbitra assistente ou árbitra

central na mídia, é porque a mídia teve um papel dentro daquela partida, por algum motivo de grandeza do campeonato ou do jogo, a mídia estava ali naquele momento. Então o árbitro ou a árbitra para estar ali, também é diferenciado. Então assim o erro, se acontecer, quando acontece, pode ser homem, pode ser mulher, a mídia não está preocupada com o árbitro de futebol, ela está preocupada com a audiência, na polêmica, no que ela vai ficar passando no maior número de tempo prendendo a atenção dos seus telespectadores. Isso independente de ser um árbitro masculino ou um feminino, ela não está diretamente voltada para o árbitro fulano de tal, ela está voltada para o árbitro da partida, entendeu? Então a mídia, ela trabalha em cima da polêmica, não é nem por maldade dela, ela vive é disso. Ela vive do diferente, ela vive daquilo que o povo está falando, porque o povo vai falar. Tanto acontece isso, principalmente a mídia na arbitragem, eles pegam um lance que supostamente o árbitro errou, depois se descobre que o árbitro acertou. Muitas mídias continuam fazendo aquela propaganda sobre o erro do árbitro, não divulga o acerto do árbitro, porque isso gera audiência, entendeu? Isso aconteceu conosco, agora no Campeonato Mineiro, no lance do Guilherme¹² no gol do Jô¹³. Já está ali, já está mais mastigadinho que o Guilherme e o Emerson¹⁴ acertaram no lance. Mas a mídia, hoje mesmo eu estava ouvindo uma rádio, onde o pessoal da rádio ainda estava batendo na tecla de que eles erraram, de quem era a culpa, se era do árbitro ou do assistente. Então muitas vezes eles não querem o certo, não querem o correto, eles não vão corrigir um erro deles. Eles vão manter aquilo. Porque infelizmente trabalhar com o emocional dos torcedores, dos dirigentes ou até mesmo com a ignorância é o que leva a ter mais tipo assim, a ter mais emoção, vender mais, não é? Que no caso deles, eles vendem as horas, vendem as marcas ali dentro daqueles programas. Então a mídia, na verdade, ela está ali fazendo o trabalho dela. O árbitro não tem que se preocupar com a mídia, o árbitro tem que se preocupar com o seu trabalho dentro e fora do campo, e quando menos ele esperar aquela própria mídia que tanto maltrata a arbitragem, ela também às vezes salva.

I.M. - Como é (era) a rotina de treinamentos para atuar no futebol profissional?

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

F.B. - Olha, a minha rotina de treinamento, aí ela é cansativa. Eu levanto cedo, em torno de 6 horas da manhã, eu corro, como eu moro em Uberaba e o meu preparador físico mora em Belo Horizonte, que é o Guido, professor Guido Baeti¹⁵. Ele me passa os treinamentos e eu tenho tento segui-los aqui dentro da minha rotina aqui também. Então a minha rotina de treinamento, é em média 4, 5 vezes por semana. Isso ela dividindo espaço com os meus afazeres também, não é? Que são de faculdade, trabalho, estágio, então a rotina ela é um pouco puxada Igor, ela não é legal não (risos).

I.M. - Você observa diferenças entre o árbitro e a árbitra no futebol? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

F.B. - Olha, eu percebo sim, diferenças. Hoje existem dirigentes nossos dentro da arbitragem, que entre uma árbitra boa e um árbitro razoável, mediano, dependendo do dirigente ele vai preferir colocar um árbitro mediano porque eu acho que eles ficam um pouco receosos de enfrentar e colocar a cara à tapa pela árbitra, não é? Tanto é que a nossa briga é diária, a nossa luta é diária, eu tenho que matar um leão todo dia, mostrar a árbitra que eu sou porque amanhã, um erro meu joga tudo por água abaixo. É diferente, nisso os meninos tem um pouco mais de facilidade sim. Eu acho que a dificuldade maior nossa, das árbitras, é lógico também que na parte do físico, o homem por ele ser mais forte, a rotina de treino dele, às vezes não machuca tanto. A mulher, antes de treinar ela tem que alcançar uma condição física muito grande, extraordinária. Às vezes mais do que os homens que já nascem com ela. Então assim, tanto físico quanto também assim extra campo nós temos que matar um leão a cada dia porque nós temos que estar provando, estamos à prova 24 horas. Então, o dirigente que põe a cara à tapa por mim e me põe em certo jogo, ele me põe, mas ele está ali ó, torcendo para que nada dê errado. Com os meninos ele tem uma certa tranquilidade, porque caso possa acontecer alguma coisa dentro do campo talvez não tenha um peso tão grande fora dele do que se fosse uma árbitra.

I.M. - O que a sua geração de árbitras deixa (ou) para as gerações seguintes?

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

F.B. - Ah, isso vou te falar a verdade. As portas que nós abrimos foram muitas. Essas árbitras que estão vindo agora, que estão iniciando, se elas tiverem foco, se elas tiverem paixão naquilo que fazem, se elas tiverem o dom, o caminho delas vai ser bem mais fácil. Porque nós tivemos que vir abrindo a trilha, a mata era totalmente fechada para nós. E nós viemos abrindo trilha por trilha. Cada uma de nós, árbitras formadas mais maduras, nós viemos aqui ó, caminho por caminho. Hoje nós deixamos um caminho tão amplo para as árbitras que estão vindo, que elas podem se preocupar só realmente em treinar e se especializar naquilo. Porque se elas tiverem competência, as oportunidades vão vir para elas muito mais fáceis do que vieram para nós. Então as mulheres hoje, as meninas novatas que querem ser árbitras hoje, elas podem vir com uma segurança totalmente diferente, elas só não podem perder o foco. Porque quando uma erra, respinga em todas, isso é diferente do quadro masculino. No quadro masculino não tem esse respingo total, mas no quadro feminino tem. Então nós cobramos muito das meninas que estão chegando uma postura, um posicionamento, muita atenção, muito foco, muito treino porque o espaço que nós conquistamos, eu, a Janette, as outras meninas todas que passaram, tanto nas outras federações, o espaço que nós conquistamos não foi fácil não. E nós não vamos deixar nenhuma outra menina chegar e sujar ou fechar essas portas. Então a cobrança maior nossa com a nova geração é essa. É que elas sigam o caminho que nós trilhamos, mantenham o foco, a responsabilidade no trabalho que nós conquistamos e se elas fizerem isso as portas para elas vão estar sempre abertas.

I.M. - Francielli, você poderia comentar um pouco sobre esse amistoso que você falou que fez pela FIFA, do Atlético contra uma equipe da Austrália? Você lembra um pouco do jogo? Como foi e em que ano foi?

F.B. - Olha, eu confesso para você Igor, que eu tenho uma memória um pouco restrita. O ano, eu não me recordo bem o ano, não se foi o meu primeiro ano de 2010, 2011 esse amistoso. Mas eu lembro que não foi uma partida muito difícil, porque o time da Austrália era um time inferior ao time do Atlético na época, não é? As meninas da Austrália eram meninas muito novas, estavam fazendo como se fosse um tour pelo Brasil, passando por vários estados, jogando amistosos com várias equipes brasileiras e uma dessas equipes foi o Atlético, que na época tinha um time em Belo Horizonte. Enfim, o interessante é que

você vive uma coisa diferente, profissionais diferentes, uma língua diferente, um trato diferente, o jogo delas muito diferente do nosso jogo, mas assim me lembrar muito desse jogo assim, não me recordo. Eu sei que o Atlético ganhou com um placar bem alastrado, se eu não me engano foi 8x1, alguma coisa assim. Mas a partida não teve nada de especial que me marcasse assim para que eu fosse estar te passando alguma coisa.

I.M. - É essa final que você fez do sub 20, foi Brasileiro sub-20?

F.B. - Foi Taça BH de Júnior, que é uma competição da Federação Mineira, aonde equipes de todo o Brasil vem participar, e são rapazes, jogadores abaixo de 23 anos, abaixo de 20 anos. E assim foi, se eu não me engano, essa final foi em Divinópolis, ela foi transmitida pela SporTV, tal, depois muita gente veio até mim falar sobre a partida,. Foi um jogo muito difícil, que os rapazes que jogavam nas duas equipes, alguns já jogavam no profissional e era clássico deles lá, estadual, não é? E eu tive a felicidade e por méritos também de ter sido escalada para essa partida. Então assim foi uma partida que exigiu muito e isso foi bom, porque exigiu muito e eu atendi às exigências. Então isso fez muita diferença. Esse torneio, não sei se você sabe, aqui em Minas Gerais, a Taça BH é um torneio muito forte da base, muito forte. Aonde existem muitos times, saem muitos jogadores, muitos jogam no profissional. Esse título é muito importante para as equipes que ganham, então assim eu fui muito feliz, tanto fui feliz por ter sido escalada como fui feliz também na arbitragem e correu tudo muito bem.

I.M. - Você se lembra do ano dessa final?

F.B. - Se eu não me engano foi 2011. Foi semifinal.

I.M. - Foi semifinal entre Grêmio e Internacional?

F.B. - Isso.

I.M. - Você falou que teve um período de dois anos em que você ficou afastada da arbitragem no futebol profissional. Porque você teve que se afastar?

F.B. - Olha, eu me afastei porque eu sofri uma lesão. Na verdade eu sofri lesão nas duas panturrilhas, não é? Tive uma série de problemas nessa lesão, e aonde eu fui tentando me tratar só que foi uma época muito difícil. E lesão na panturrilha não é fácil, ela não é de fácil tratamento, eu tinha que parar totalmente. E por conta dessas lesões eu não conseguia manter o meu escudo FIFA, porque eu não conseguia passar nos testes físicos, não é? E aí eu perdi o escudo e fiquei assim, isso mexeu muito com o meu psicológico, com o meu emocional. E quando eu perdi o escudo não estava conseguindo me curar da lesão, eu resolvi deixar a arbitragem. Resolvi deixar a arbitragem, me mudei de Belo Horizonte e voltei aqui para a minha cidade, Uberaba e, decidi encerrar por aí a minha carreira. Só que depois eu fui me tratando, fui me tratando, minha vida seguiu outros rumos. E hoje como mudou toda a direção da Federação Mineira, que veio o Bozzano¹⁶, que mudou o presidente, o diretor, fez aquela reformulação toda que hoje nós estamos vivendo, eu recebi um convite para voltar. E com esse convite eu pensei e como é uma coisa que eu gosto, que eu amo, eu pensei e falei vou tentar. E fui, fiz o teste no começo do ano, participei da pré-temporada, fiz o teste, consegui passar no teste bem, comecei a atuar pela Federação Mineira novamente e me foi crescendo de novo esse prazer, essa esperança e esse desafio de voltar ao patamar. Porque hoje eu me encontro em um estado físico e emocional muito diferente de quando eu deixei a arbitragem. E eu estou me sentindo muito bem, muito forte, muito apoiada pela comissão, e há as vagas, há a oportunidade, todos dizem que esperam o meu retorno tanto na CBF quanto FIFA. Então isso me motivou a voltar para a segunda etapa das minhas conquistas na arbitragem. Então a lesão me parou por 2 anos e agora eu retornei e graças a Deus sem lesão.

I.M. - E o retorno foi através de um convite, não é?

F.B. - Isso. Eu recebi o convite da Federação Mineira, da comissão de arbitragem da Federação.

I.M. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

¹⁶ Giuliano Bozzano.

F.B. - Olha, Igor, na verdade eu queria agradecer a você, te parabenizar pelo trabalho, porque é com esses tipos de trabalho que vai cada vez mais abrindo portas e chamando a atenção para as mulheres, tanto no esporte em geral como na arbitragem, não é? Eu gostaria de muito que outras meninas olhassem e se descobrissem árbitras, e que viessem nessa luta porque os caminhos foram abertos, então nós precisamos ter meninas que caminhem por estes caminhos para que eles não se fechem, entendeu? Eu espero que tenhamos nesse ano e nos próximos anos que o quadro feminino da Federação Mineira cresça muito e tenha muito sucesso. Estamos nos fortalecendo, estamos cada dia mais fortes e existem várias profissionais grandes ali, que vão crescer muito. Nós temos um nome que é a Janette Arcanjo, que hoje é uma assistente FIFA mundialista, que vai participar do mundial. Então assim essas portas todas que nós abrimos eu espero que tenham outras mulheres, outras meninas para que passem por elas. Eu agradeço a você a oportunidade de estar participando, te ajudando no seu trabalho, espero que as minhas respostas tenham sido dentro do que você me perguntou. E na verdade é isso. Eu espero que nós conheçamos e que outras vezes, em outras ocasiões, e quem sabe eu esteja voltando ao meu patamar maior, que é ser árbitra FIFA.

[FINAL DA ENTREVISTA]